

# Vida Arte

**O POVO - Você entrou no Curso de Artes Dramáticas da UFC no começo da década de 1980. Antes, na infância, havia algum contato com arte?**

**Dami Cruz** - Desde criança, eu brincava de fazer teatro em casa. Era uma pessoa muito desinibida, aquelas crianças que cantavam, faziam montagens. Ia para os pastoris, achava bonito, aí montava um pastoril. Minha mãe tinha estudado em colégio de freira e fez muito drama. Sabia músicas, ensinava pra mim e eu passava pras irmãs. Pelos 15, 16 anos, estudei desenho com o Marcus Jussier (pintor e cenógrafo nascido em Juazeiro do Norte). Pelos 17 anos, nós - digo "nós" porque éramos um grupo de amigos e amigas da Maraponga - conhecemos o Maurício Estevão, ator e diretor, que nos deu uma oficina no Teatro Universitário. Não saí mais. Quando entrei no CAD, já tinha bastante amizade no TU, até tinha viajado com uma montagem de uma peça do B. de Paiva (ator, professor e dramaturgo) que chamava "Cantochão Para Uma Esperança Demorada" para Brasília, Rio e São Paulo.

**OP - Nesse período, com que projetos e montagens você se envolveu?**

**Dami** - Em paralelo ao CAD, montei por 1980, 1981, o primeiro espetáculo transformista em teatro de Fortaleza, chamado "Luz, ação, espaço". Não tinha isso no teatro, era um esquema muito à margem. Não fui a primeira transformista do Ceará, não, já tinha gente fazendo. Fiz a primeira montagem em teatro e dizia exatamente sobre a necessidade de incluir o teatro transformista e a dublagem no espaço cênico do teatro e no movimento teatral.

**OP - Tentar essa inserção deve ter sido desafiador dentro do próprio circuito teatral. De que forma se deu esse processo?**

**Dami** - A gente tinha aceitação maior das pessoas da minha idade, dos alunos. Mas tinha, sim, vários comentários negativos. Pouco depois, o Luciano Costa montou o Grupo Metamorfose, que era de atores transformistas. Fizeram um fim de semana de apresentações, depois me juntei. A gente fazia temporada, ficamos um ano em cartaz com um espetáculo, tinha matéria em jornal, mas tinha os comentários negativos dos mais conservadores do teatro. Diziam que aquilo era outra coisa. Não sabiam o quê, mas teatro não era.

**OP - Houve uma perseguição específica na Ditadura Militar contra transformistas e travestis. De que forma você lidava com esse contexto?**

**Dami** - No Metamorfose, a gente usava muitas músicas e tinha que ir ao Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) pelos direitos autorais. Tinha música que tinha execução pública proibida. Eu dublava Gal Costa e Elba Ramalho. "Vaca Profana" e "Nordeste Independente" eram proibidas. Mas ninguém conferia, não davam importância. Nunca fomos censuradas, não. A gente fazia apresentações no Teatro Universitário, Teatro José de Alencar, dia das mães de um presídio feminino, programa do Irapuan Lima, centros comunitários, gincana de colégio...

**OP - Vocês circulavam em cantos bem distintos. Havia um papel social ou político no trabalho? Avaliando de hoje, vê o que vocês faziam como uma expressão política?**

**Dami** - Somos de uma geração em que o teatro político não era bem esse. O teatro político não discutia gênero. Era uma esquerda meio machista, às vezes homofóbica, mas a gente atuava muito ao lado de pessoas de peso. A gente

## | ENTREVISTA | Figurinista e estilista Dami Cruz rememora trajetória pessoal e profissional com as artes

# V I V A DAMI

JOÃO GABRIEL TRÉZ  
joaogabriel@opovo.com.br

Na adolescência de Dami Cruz, a mãe achava que ela deveria prestar vestibular para arquitetura por saber desenhar, enquanto o pai defendia que cursasse direito pela facilidade de falar. As habilidades, porém, tiveram outra vazão, que já vinha em fluxo natural desde a infância, com o encantamento pelos pastoris e a descoberta dos primeiros filmes: foi nas artes - no palco e nos bastidores - que Dami se encontrou, sendo atriz, pioneira do teatro transformista, figurinista, maquiadora, estilista... O caminho tem como marca mais forte,

como transparece Dami, a naturalidade. Da educação dada pela mãe à montagem no início da vida adulta, passando pela relação com a própria identidade de gênero, a artista adjetiva: "tudo muito natural". Em um mês do orgulho marcado por casos graves de violência transfóbica, a figura de Dami, aos 62 anos, se reforça enquanto referência. "Ao invés de aumentar a expectativa de vida - como a das pessoas cis -, a nossa vai diminuir, é isso?", questiona. Em entrevista ao Vida&Arte, Dami divide memórias, pioneirismos, conquistas e desejos.



TIM OLIVEIRA / DIVULGAÇÃO

se apresentou na Praça do Ferreira na 1ª Semana da Mulher nas Artes, com o pessoal ligado à Maria Luiza Fontenele (ex-prefeita de Fortaleza e membro-fundadora do Grupo Crítica Radical) e a Rosa da Fonseca (ex-vereadora e membro-fundadora do Grupo Crítica Radical), na União das Mulheres Cearenses (UMC). O povo mais jovem da esquerda achava o nosso trabalho interessante. Talvez não fosse essa a função principal, na nossa cabeça. A gente era jovem, queria fazer, comprou a briga e fez. Mas não tinha essa questão de gênero, essa discussão não era presente nas nossas vidas. A gente estava fazendo o teatro que a gente queria fazer e que acreditava necessário naquele período, vivendo nosso tempo.

**OP - De onde veio a sua iniciativa mais recente, o Projeto Giraluas?**

**Dami** - Falei com o Tim (Oliveira, fotógrafo) que queria fazer uns vídeos, imagens, sobre a violência contra pessoas trans. Falei de ideias, de como podíamos fazer com o mínimo de dinheiro. Ele sugeriu que a gente chamasse a Levi Banida (professora e interartista), que poderia fazer as maquiagens. Quando falamos com a Levi, ela jogou a ideia para cima: "Vamos falar das pessoas que estão vivas, produzindo!". A gente não vai fazer de conta que não existe violência, mas vamos falar também das pessoas que estão atuando no mundo, na vida, entrando onde muitas não entram.

**OP - Há alguma pretensão de uma exposição ou publicação?**

**Dami** - Menino, pretensão é o que não falta! Se der certo, a gente vai colocar mais histórias. Se quando chegarem em Marte a gente estiver viva, vamos lá procurar umas trans marcianas. (risos)

**OP - Você teve suas referências. Como encara ter se tornado uma?**

**Dami** - A expectativa de vida das travestis e trans era de 30 e poucos anos. Agora, com essa violência crescente... Não estou falando de violência com o pensamento de classe média, que tem medo de sair de casa, mas da violência pela violência. Como é que uma pessoa mata uma criança de 12, 13 anos, que é travesti, como está acontecendo? Ao invés de aumentar a expectativa de vida - como a das pessoas cis, que aumentou muito -, a nossa vai diminuir, é isso? Me verem como uma referência é porque sou uma pessoa com mais de 60 anos trabalhando, viva, andando na rua, entrando nos lugares mais variados, ocupando muitos espaços, adquirindo respeito pelo meu trabalho. Isso serve como referência. A gente está muito relacionada nos meios de comunicação às más notícias: "Travesti assassinada", "travesti presa". Por isso a ideia de fazer com pessoas vivas e ativas, para não ficar só a imagem da gente como perseguidas, espancadas. Passamos por tudo isso, mas não só.

Figurinista e estilista, Dami Cruz tem trajetória profissional nos palcos e nos bastidores que já soma mais de 40 anos. Na imagem, a artista em registro do Projeto Giraluas, com foto de Tim Oliveira, maquiagem de Levi Banida e figurino assinado por ela

**OP+**  
**O POVO MAIS**  
MAIS.OPOVO.COM.BR

Confira a íntegra da entrevista com a artista Dami Cruz no O POVO +